

DAVID CAPISTRANO DA COSTA FILHO (1948-2000)

DAVID CAPISTRANO FILHO

Aldo Rebelo*

Senhor Presidente, senhoras e senhores deputados

Faleceu, no último dia 10, aos 52 anos, o médico sanitarista David Capistrano Filho, prefeito de Santos no período de 1993 a 1996. O Brasil perdeu um dos seus mais consistentes e competentes ativistas no campo da saúde, um grande brasileiro que, com um trabalho discreto, mas profundo, merece figurar

na galeria dos médicos que enaltecem este país, como Samuel Pessoa ou Osvaldo Cruz. Como eles, David Capistrano Filho foi um soldado da causa pública, um devotado servidor só preocupado com o bem-estar da população.

Ativista político, desde cedo seguiu os passos do pai, o deputado David Capistrano, um dos numerosos opositores brasileiros assassinados pela

repressão política nos anos 70. Pernambucano do Recife, David Capistrano Filho formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Engajado nas lutas nacionais e democráticas, entrou para o Partido dos Trabalhadores, elegeu-se prefeito e contribuiu, juntamente com sua antecessora Telma de Sousa, para de-

volver à importante cidade de Santos a imponência urbana que estava ameaçada por causa da degradação sanitária e da precariedade dos serviços públicos.

A trajetória de David Capistrano Filho foi reconhecida e homenageada pelo jornalista Luis Nassif, na *Folha de S. Paulo* de hoje, com o artigo "O guerreiro da saúde", cuja transcrição nos anais desta casa eu solicito como demonstração de que o Brasil deve cultivar a obra e a memória dos filhos do povo que só ao povo serviram:

O guerreiro da saúde

Com a morte de David Capistrano Filho, não desaparece apenas o ex-prefeito de Santos, o ex-militante do PCB que ousou, nos anos negros da ditadura, enfrentar não só a repressão dos militares como o patrulhamento dos esquerdistas juvenis do movimento universitário, que não admitiam políticas de aliança.

Também a luta pela saúde do brasileiro perde um de seus guerreiros mais relevantes. Desde os anos 80, a saúde formou a mais relevante bancada de congressistas, juntando políticos e personalidades de diversas facções. Os sanitaristas brasileiros forneceram as idéias, a luta, o trabalho diário que ecoava por todas as consciências de homens públicos responsáveis. Não bastava apenas a consciência, era preciso o método e a criatividade para buscar formas sociais e baratas de levar a saúde ao povo.

Dentre todos, David Capistrano foi o principal estimulador das novas práticas de saúde. Em Santos, revolucionou o sistema de saúde. Depois, todas as grandes personalidades públicas da saúde – do ex-ministro Adib Jatene ao atual, José Serra – foram buscar em David as idéias e o apoio. E ele se atirou à empreitada com denodo, mesmo com a saúde abalada

"Então é bom que se diga em alto e bom tom: o país perdeu um grande brasileiro, um membro da pequena elite de cidadãos e homens públicos que teimaram em construir uma pátria."

* Deputado federal do PC do B, SP.

por anos de luta contra o câncer. Tantos problemas enfrentou que o que o mantinha vivo eram apenas os ideais.

Foi o principal incentivador do médico de família – programa no qual um médico se responsabiliza pelo acompanhamento de centenas de famílias –, das salas de parto com estruturas simples, com enfermeiras parceiras, para atender a periferia. Na recente onda petista, de vitória nas últimas eleições, certamente seria o elemento ideal para levar esses conceitos às novas prefeituras.

O último encontro pessoal que tive com David foi no início do ano passado, em um almoço para ele falar sobre o programa “médico de família”. Embora já abalado pela doença, falou com entusiasmo sobre os resultados alcançados.

A crise cambial do início do ano acabou desviando minha atenção para temas mais prosaicos, e não escrevi a coluna. Meses atrás, quando se preparava para o transplante do fígado, sabendo da gravidade da operação, escrevi pequena nota em sua homenagem.

Ele ligou meio assustado, querendo saber o motivo da nota. Disfarcei. Disse apenas que me deu vontade de homenagear um homem público exemplar. O sentido de irrelevância que marca a cobertura diária da mídia jamais conferiu a David – e à saúde – o espaço que merecia. Em geral, o destaque maior é para os profetas do curto prazo, especialmente aqueles que jamais conseguirão avançar além da mera visão fiscal da história.

Então é bom que se diga em alto e bom tom: o país perdeu um grande brasileiro, um membro da pequena elite de cidadãos e homens públicos que teimaram em construir uma pátria.

MEU AMIGO

DAVID CAPISTRANO FILHO

Gildo Marçal Brandão*

David Capistrano da Costa Filho já driblaria tantas vezes a morte que nenhum de nós acreditava que ele não resistiria às complicações do transplante de fígado ao qual se submetera, por força das seqüelas da leucemia que o afetara nos anos '80. O

* Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo.

vazio que seu falecimento deixa é desses que jamais será preenchido e não é muito difícil entender por quê. Difícil é selecionar o que dizer: há tanta coisa, é tal a riqueza de sua trajetória que a tentativa de fixar em quatro ou cinco parágrafos as principais características desse homem e político que marcou fundamentalmente a minha geração parece uma empreitada desmedida e irremediavelmente condenada ao fracasso.

O leitor o conheceu mais, provavelmente, pela sua atuação como médico sanitário, secretário da Saúde da gestão Telma de Sousa, em 1990-1993 e depois prefeito de Santos, entre 1993-1996, pelo Partido dos Trabalhadores. Mas para todos que conviveram com ele em algum momento dos anos 60 para cá, seja como amigo (pessoal e político), seja como aliado ou adversário e até desafeto, ele foi um dos últimos e maiores exemplares de uma espécie em extinção: um político programático, que alia densidade intelectual com capacidade de organização, paixão pelas idéias com pragmatismo na ação.

Não me lembro exatamente como conheci David. Sei que nos aproximamos por volta de 1975. Fazíamos parte de uma geração intelectual nordestina que cedo imigrou para o Rio de Janeiro e São Paulo em busca de melhores oportunidades de estudo e para fugir da sanha da ditadura militar, particularmente feroz no Nordeste. Não seríamos os primeiros nem os últimos, embora essa geração fosse imbuída do desejo de influir nacionalmente e pelo projeto de revolucionar o Brasil. Digamos, para simplificar, que éramos parte da geração 68, embora vários de nós tivéssemos começado a nos interessar pela política e fazê-la antes de 1964, mal saídos da puberdade.

O David era um desses casos. De família comunista, adquirira as características de organizador e político realista, por assim dizer, por osmose. Sua liderança estudantil começara ainda nos bancos e pátio do tradicionalíssimo Colégio Nóbrega, no Recife, e continuara no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina da UFRJ. Quando o encontrei, durante ou logo depois dos eventos desencadeados pelos assassinatos de Wladimir Herzog e Manoel Fiel Filho, ele acabara de sair de uma de suas curtas, mas várias prisões, e fazia pós-graduação em saúde pública na USP.

Aquela época, todas as esquerdas estavam destroçadas, mas os ventos começavam a mudar a

favor da democracia. Por um momento os comunistas foram particularmente beneficiados nesse processo, provavelmente por terem optado cedo pela luta política democrática e pela aposta no velho MDB. Começamos a reorganizar o velho partido em São Paulo contra a vontade do Comitê Central exilado e David logo iria se tornar o pivô desse esforço, seu principal dirigente; e, em seguida, a cabeça política do que se convencionou chamar (inadequadamente) de “eurocomunismo” no Brasil.

Desse movimento crepuscular, mas criativo, iriam nascer iniciativas no terreno sindical, como o Comitê de Ação Metalúrgica de São Paulo, a criação de uma série de movimentos sociais e associações de bairro e, sobretudo, uma rede de militantes que contribuiriam decisivamente para pôr de pé a estrutura do PMDB. Iriam nascer também revistas acadêmicas e políticas como a *Temas de Ciências Humanas* e a *Presença*; jornais como a *Voz da Unidade*, editoras como a Oboré e uma série de textos e livros

que demonstram o quanto o marxismo de matriz comunista havia alcançado a maturidade: sua decadência não o impediu de ser um dos principais vetores pelos quais grande parte da esquerda brasileira fez sua opção radical pela democracia. Nem sempre David esteve na cabeça de tudo isso, mas em tudo tem a sua mão.

Na verdade, quem não viveu nem sonhou na São Paulo daqueles anos de decadência da ditadura, na virada dos anos 80, não sabe o que perdeu. Apesar dos riscos e ameaças que pairavam no ar, as pessoas que lutavam contra o regime eram livres e felizes; e tudo passava a dar certo. Naquele ambiente eletrizado de discussões e experimentalismos, desencontros afetivos e reencontros pessoais (tanta gente emigrada ou saindo da cadeia), mudanças de padrões culturais e esperanças políticas, descobertas intelectuais e realinhamentos políticos, logo ficou claro que a maioria éramos mais intelectuais do que políticos e que David era um dos raros, senão o único de nós que tinha, além de vocação de líder, estofado de chefe político.

Política, aqui, tem que ser entendida em sentido amplo e com P maiúsculo. Médico, David poderia

ter seguido a carreira de pesquisador, para a qual esteve tentado nos tempos de graduação no Rio de Janeiro. Tinha condições de ter sido um dos grandes. Logo se apaixonou pela questão da saúde pública, a qual iria dedicar parte essencial de seu talento. Acontece que se há uma área social em que a esquerda brasileira foi particularmente exitosa, tanto no plano das concepções como no de sua conversão em políticas públicas, em ações governamentais, essa foi e é a de saúde pública. Mais uma vez David esteve na origem desse extraordinário movimento de renovação, que começou nos anos 70 com a criação do Cebes, um centro de estudo e debates sobre saúde, que ele, José Rubem de Alcântara Bonfim e vários outros inventaram, e culminou na redação do capítulo correspondente da Constituição de 1988 e na criação do SUS. Dele nasceu uma revista, *Saúde em Debate*, uma coleção de livros que já deve ter publicado mais de cem títulos pela Hucitec, a revitalização do Sindicato dos Médicos e dos conselhos regionais de medicina de São Paulo e do Rio de Janeiro, a eleição de vários parlamentares (por vários partidos) comprometidos com o mesmo ideário.

Os anos 80 foram tempos de ruptura e recomeço. O aparecimento da leucemia o derruba, mas não o liquida. O que se vê então é uma luta desesperada, travada com enorme garra e amor pela vida. David sobrevive, faz um transplante e parece vencer a doença. Torna-se um importante líder do Partido dos Trabalhadores, sob bandeira do qual dirige a cidade de Santos durante quase oito anos. Sua morte prematura, aos 52 anos, nos deixa todos órfãos e confirma aquilo que talvez tenha sido a principal característica de sua vida: um homem de pouca *fortuna*, mas muita *virtú*.

DAVID CAPISTRANO FILHO

Marco Aurélio Nogueira*

Segunda metade da década dos 70. Estávamos em pleno combate à ditadura. Uma brisa de liberdade e democracia teimava em perturbar a abertura lenta, gradual e segura imaginada pelo regime militar. Avançava-se, mas ainda era viva a lembrança da violência de 1975, de Herzog e Manoel Fiel, da carnificina policial na Lapa.

* Professor da Universidade Estadual Paulista e pesquisador da Fundap.

O David era um desses casos. De família comunista, adquirira as características de organizador e político realista, por assim dizer, por osmose.

Por um momento, naqueles anos, em certos ambientes da esquerda, alguns chegaram a arquivar a combatividade, convencidos de que se impunha uma conduta prudente, pragmática, de algum modo dissimulada. Outros se aferraram a dogmas. Não eram muitos os que aliavam inteligência política – dedicada a encontrar soluções positivas, a desatar laços, a construir a unidade dos democratas –, luta de massas e disposição para sair à luz do dia com cara própria.

David Capistrano da Costa Filho vivia em São Paulo, depois de ter saído de Recife ainda jovem, cursado medicina no Rio e amargado muitos anos de prisão. Comunista de família, linhagem e tradição, mostrava-se tão hábil, generoso e competente como sanitarista quanto como dirigente político. Era um organizador nato, um dinamo: alguém que reunia, aproximava e animava, certo de que “teriam futuro os que soubessem trabalhar o presente e valorizar o passado”. David era um intelectual. Não cansava de formular idéias, escrever, estudar. Um político em tempo integral, para quem a política não era jogo frívolo e calculista dedicado ao poder, mas paixão, entrega, imaginação, combate por princípios, esforço de renovação e agregação.

Foi dele a iniciativa de organizar e animar a Comissão Paulista pela Legalidade do PCB, que agregaria tantas pessoas até o início dos anos 80. Por sua inspiração, desenhou-se e ganhou corpo a política engenhosa, aberta e aguerrida dos comunistas de São Paulo, firmemente ligada ao movimento social e inserida com vigor no movimento democrático.

Em 1982, no auge da campanha que levaria Franco Montoro ao governo de São Paulo, David foi hospitalizado: leucemia mielóide aguda. Lutou como um leão. Em 1985, submeteu-se a um transplante endógeno de medula, em Houston, no Texas. Ficou meses por lá, isolado. Renasceu, aprendendo a conviver com as seqüelas do longo e duro tratamento.

Retornou com tudo à política. Filiou-se ao PT, um outro modo de ficar à esquerda. Foi trabalhar como secretário da Saúde em Santos. Elegeu-se prefeito da cidade em 1993, realizando uma ampla, democrática e bem-sucedida gestão municipal.

Terminado o mandato, David voltou a agir como médico sanitarista. Coordenou o Projeto Qualis (Qualidade Integral em Saúde), da Secretaria de Estado da Saúde e, mais tarde, passou a atuar como

consultor do Ministério da Saúde. Continuará incansável.

A quimioterapia e as inúmeras transfusões, porém, abalariam seu organismo. O fígado ficaria irremediavelmente comido por uma cirrose. De novo a luta pela vida. Os amigos, que ele sempre aproximara e reunira, reuniram-se agora em volta dele. Vários se ofereceram para doar parte do fígado. Definiram-se enfim o doador (o médico David Rummel) e a data da cirurgia. Centenas de pessoas começaram a levantar fundos para o novo transplante.

David acompanhava tudo de perto, reconhecido, emocionado, mas sem perder o espírito público. Não se tratava de organizar uma campanha qualquer, mas de dar completo aproveitamento ao esforço dos amigos. Seria dele a idéia de transferir o eventual excedente para uma causa que fosse maior e beneficiasse os mais necessitados.

No meio de setembro, David Capistrano fez circular uma mensagem pela Internet:

É com alegria que escrevo aos amigos, companheiros e colegas, para agradecer o empenho e a solidariedade de cada um de vocês e de todos, que permitiram o êxito da campanha, em tão curto tempo. A meta foi superada. Peço que encerrem a campanha e reafirmo: o excedente será doado à Associação Saúde da Família, entidade das mais ativas e idôneas no campo da prevenção da AIDS, das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce das adolescentes brasileiras.

Foi seu último texto.

Sua morte, no último dia 10 de novembro, aos 52 anos, deixou um vazio difícil de ser preenchido. Dele ficou, porém, a certeza de que a vida vale sempre a pena e merece ser vivida em posição de combate.

DAVID CAPISTRANO FILHO

Frederico Pessoa da Silva*

É muito provável que vocês já saibam do falecimento de David, pois alguns jornais noticiaram o fato. Acrescento algumas informações e muitas opiniões pessoais: ele morreu aos 52 anos (completados em 7 de julho último) por volta das 19

* Jornalista.

horas da última sexta-feira, 10 de novembro, na UTI do hospital Sírio e Libanês, por falência múltipla de órgãos, depois de um transplante de fígado *inter vivos*. O doador foi o também médico, amigo e companheiro de partidos (PCB e PT) David Rummel, que aniversariou (creio que fez 42 anos) no dia em que David foi sepultado.

David Rummel está bem de saúde agora, mas passou um sufoco depois da doação de metade do fígado: houve uma fistula e teve que ser reinternado. Já está em casa, tocando a vida e as atividades.

O velório foi realizado inicialmente (até as 16 horas de sábado) no *hall* monumental da Assembleia Legislativa de São Paulo e depois no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Santos, até as 11 horas do domingo. O prefeito de Santos, Beto Mansur (seu adversário, do PPB) decretou luto oficial por três dias, destacando sua enorme contribuição à saúde pública do município (durante sua gestão, a cidade foi premiada pela ONU por seu programa de saúde, tornando-se referência mundial inclusive na crítica área de saúde mental) e suas qualidades de administrador competente e probo.

Ao velório e ao enterro compareceram centenas de personalidades políticas, acadêmicas, sindicais e artísticas. Em São Paulo, destacou-se o discurso do ex-ministro Adib Jatene, que relatou várias contribuições de David à saúde pública, desde os tempos em que ele (Jatene) foi secretário da Saúde no governo de Paulo Maluf. Recorde-se que foi Jatene, naquela época, quem interferiu agressiva e decisivamente na embaixada dos Estados Unidos para que David conseguisse o visto de entrada que lhe permitiu realizar o transplante de medula em Houston.

No velório paulista predominou a presença de ex-companheiros do partidão, personalidades do PSDB, PMDB e outros segmentos sociais não ligados ao PT, inclusive o ministro Aloísio Nunes Ferreira.

Antes, pouco mais de uma hora após o anúncio de sua morte, a prefeita eleita Marta Suplicy acorreu ao hospital onde, por quase duas horas, ajudou a confortar a família e falou da contribuição de David ao seu programa de governo, no qual teria um papel importante na área de saúde.

O corpo foi conduzido em carro aberto do Corpo de Bombeiros (seguido a pé por muita gente) até o cemitério Memorial, em Santos, onde foi sepultado em cerimônia que contou com a presença

de inúmeras personalidades, inclusive o ministro José Serra, Lula, José Genoíno, Eduardo Suplicy, Luis Eduardo Greenhalgh, Antônio Roque-Citadini (ex-deputado e ex-presidente do Tribunal de Contas do Estado). Falaram Serra, Max Altman (em nome dos velhos companheiros) e José Dirceu, em nome da direção do PT.

José Serra prestou uma emocionada homenagem relatando a atuação de David na área de saúde, principalmente: a) destacou o seu papel como um dos formuladores e inspiradores do Sistema Único de Saúde; b) falou de sua contribuição ao programa “médicos de família” e ao Qualis; c) recordou a decisiva participação de David nas conferências nacionais de saúde com textos e intervenções; d) lembrou o extraordinário desempenho do médico morto à frente das secretarias municipais de saúde de Bauru (gestão Tidei de Lima/PMDB) e Santos (gestão Telma/PT) e da Prefeitura de Santos, quando conseguiu tornar exemplares os serviços de saúde dessas cidades.

O ministro contou que só aceitou o comando da pasta da Saúde (que não queria de modo algum, como era público, notório e foi amplamente divulgado) depois de convencido por David Capistrano Filho, que o procurou em duas ocasiões para demovê-lo da idéia de recusar o cargo, além de bombardeá-lo com vários textos escritos com o mesmo objetivo.

Finalmente, Serra relatou seu encontro com David na inauguração da primeira Casa de Parto (idéia do David), em São Paulo: entusiasmou-se com o projeto e o transformou num programa nacional para cujo comando convidou e nomeou David. Hoje já foram criadas 22 Casas de Parto no Brasil, que além de estimular o parto normal aproveita a experiência de parteiras populares, sem formação acadêmica.

A última colaboração de David ao Ministério da Saúde foi a preparação de um livro (cujo prefácio seria escrito por ele) sobre os programas e as boas experiências de saúde no país. A página originalmente destinada ao prefácio permanecerá em branco como uma derradeira homenagem ao David, segundo o ministro.

Altman e Dirceu trataram apenas da militância de David no PT a partir de sua saída do PCB em 1986 e recordaram seu pai, assassinado pela ditadura em 1974. Discursos que agradaram à maioria dos presentes (majoritariamente militantes do PT), mas

desperdiçaram a chance de falar do papel de David para além das fronteiras do PT, especialmente nas lutas de resistência à ditadura. Afinal, o PT ocupou apenas catorze dos quase quarenta anos de militância política de David, a partir de 1961, quando ingressou no PCB ainda adolescente.

Militante secundarista de 1961 a 1967, David foi fundador (com outros jovens, é claro) e dirigente de pelo menos três coisas que tiveram enorme influência na formação política e intelectual de toda uma geração de adolescentes recifenses: o Clube Literário Monteiro Lobato, a Associação Literária Machado de Assis e o jornal *O Secundarista*. O jornal chegou a ter uma tiragem de 15 mil exemplares no início dos anos 60 e contou com a ajuda, entre outros, do também jovem Aguinaldo Silva (hoje consagrado escritor e autor de novelas) e do poeta João Cabral de Melo Neto.

Ainda no Recife, David participou do Movimento de Cultura Popular, da criação do Instituto de Amizade Brasil-URSS e das lutas estudantis no Diretório Estudantil do sesquicentenário Colégio Estadual de Pernambuco, na Associação Recifense dos Estudantes Secundários – Ares, do Centro dos Estudantes Secundários de Pernambuco – Cesp.

No Rio de Janeiro juntou-se às lutas estudantis de resistência à ditadura na Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas – Ames e na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – Ubes. Depois, estudante de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participou do esforço de reconstrução da União Metropolitana dos Estudantes – UME e da União Nacional dos Estudantes – UNE (foi um dos presos no abortado Congresso de Ibiúna).

Em todo o período teve ativa participação na organização dos jovens comunistas secundaristas e universitários do PCB. A partir do final de 1970 foi um dos responsáveis pela reorganização do partido no Rio de Janeiro, cuja estrutura sofreu severo golpe da repressão com a prisão de seus principais dirigentes. Residente no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Unicamp a partir de 1973, ligou sua vida pessoal e profissional à saúde pública, definitivamente. Ao mesmo tempo, foi autor e dirigente de inúmeras ações políticas legais (na universidade e no antigo MDB) e clandestinas, no PCB.

No plano legal fundou a Juventude do MDB de Campinas e depois a Juventude do MDB de São

Paulo, indicando para a presidência de ambas o depois deputado estadual, presidente e conselheiro do Tribunal de Contas, Antonio Roque Citadini. Com Roque escreveu um livro sobre a vitória do MDB nas eleições de 1974. Ajudou a organizar e foi um dos dirigentes da campanha eleitoral para a prefeitura de Campinas em 1976. Foi um ativo militante do MDB e dirigente do PCB no estado de São Paulo, contribuindo para a eleição dos então militantes comunistas Alberto Goldman, Marcelo Gato, Tidei de Lima, Aloísio Nunes Ferreira (deputados federais), Antonio Rezk e Nelson Fabiano (deputados estaduais).

Ajudou a criar a Associação dos Moradores da Vila Costa e Silva (então o maior conjunto habitacional popular da cidade, com dezenas de milhares de moradores), onde implantou um serviço de atendimento médico à população juntamente com outros jovens médicos residentes e estudantes de medicina da Unicamp. Até então, os únicos serviços (dessa natureza) prestados à população pelos profissionais da Unicamp ocorriam no Centro de Saúde de Paulínia, onde o director da faculdade de medicina (José Aristodemo Pinotti, depois reitor da Unicamp, secretário estadual de Saúde e deputado federal) desenvolvia um reacionário programa de controle de natalidade (esterilização dos pobres) financiado pela Befam.

A título de registro: na época, a maioria dos profissionais progressistas da faculdade de medicina (inclusive Sérgio Arouca, então titular do Departamento de Medicina Preventiva) era contra o tipo de atuação de David na Vila Costa e Silva, por considerá-la “paternalista” e “assistencialista”. Muitos seguiam os “ensinamentos” do “marxista maoísta” Sadi Amin, reitor da Universidade de Dacar, para quem a maioria das doenças que vitimavam o povo eram apenas uma expressão da “contradição entre o biológico e o social: não era possível tratá-las nos marcos do capitalismo. Primeiro, era preciso fazer a revolução”. Aliás, esse pensamento predominava em muitos setores da universidade, inclusive na excelente faculdade de economia, onde os professores “progressistas” resistiam à atuação na vida política através do MDB

A última colaboração de David ao Ministério da Saúde foi a preparação de um livro (cujo prefácio seria escrito por ele) sobre os programas e as boas experiências de saúde no país.

para não se “sujar” com as práticas políticas ou por considerá-las ineficazes. David e outros militantes do PCB combatiam ferozmente essas idéias com dois argumentos principais: a) médicos e outros profissionais universitários que se diziam progressistas (especialmente os formados em escolas públicas, como a Unicamp) tinham o dever moral e profissional de levar sua solidariedade à população pobre. Era inaceitável e odioso cruzar os braços à espera da revolução quando era sempre possível melhorar a qualidade de vida de muitos, prestando serviços gratuitos; esse trabalho facilitava o esforço de conscientização, organização e mobilização política da população.

Nos primeiros meses de 1974 David teve o pai assassinado durante a tortura, depois de preso quando retornava ao Brasil. Ele voltava de uma estadia de dois anos em Praga, Tchecoslováquia, onde trabalhava na redação da revista *Problemas da Paz e do Socialismo*, representando o PCB. Em outubro de 1975, David foi preso e torturado pelo DOI-Codi, juntamente com cerca de quatrocentos militantes do PCB, em São Paulo. Indiciado, julgado e absolvido, intensificou sua militância no PCB, no MDB e nas lutas pela saúde pública. Viajou à Europa para reunir-se com os dirigentes do Comitê Central do PCB e organizar o plano de reconstrução do partido que teve sua organização duramente atingida pelas prisões de 1974 e 1975 em todo o país. Foi eleito principal dirigente do PCB no estado de São Paulo e lançou o jornal *Voz da Unidade*, primeiro órgão legal do partido depois de 1964. Rompeu com a direção do PCB em 1984, quando saiu do partido levando consigo centenas de militantes e criou o jornal *A Esquerda*, de curta existência. Em 1986 ingressou no PT junto com parte dos militantes que o seguiram na saída do PCB.

Em 1976, fundou o Centro Brasileiro de Estudos da Saúde – Cebes, e lançou uma revista do centro em cujas páginas nasceram muitas das idéias que depois se constituíram no alicerce das melhores políticas de

saúde do Brasil (e da América Latina, especialmente Nicarágua). Médico pediatra e sanitarista da Secretaria de Saúde do Estado, foi transferido para o interior, onde desenvolveu experiências inovadoras à frente de um pequeno Posto de Saúde da Secretaria na cidade de Pariquera-Açu, uma das mais miseráveis do estado, localizada na igualmente miserável região do Vale do Ribeira. Depois, foi secretário de Saúde do município de Bauru, cuja experiência foi relatada em livro de sua autoria. Secretário de Saúde e secretário de governo da prefeitura de Santos de 1989 a 1992, e prefeito de 1993 a 1996, implantou um revolucionário programa de saúde pública e saneamento básico no município que, entre outras coisas: limpou as praias e os canais que cortam a cidade; retirou milhares de moradores do mangue para alojá-los em habitações decentes em locais secos; urbanizou morros; informatizou e interligou todas as unidades de saúde do município, permitindo detectar e intervir prontamente no caso de epidemias, além de viabilizar marcação de consultas por telefone, etc.; fortaleceu, estimulou e aumentou os recursos materiais e humanos para campanhas de aleitamento materno e de prevenção dos cânceres de mama e de útero; mudou radicalmente a triste situação dos inúmeros “depósitos” de doentes mentais existentes na cidade, criando e implantando um programa que se tornou referência mundial por decisão da Organização Mundial de Saúde; reduziu radicalmente os índices de mortalidade infantil; ajudou a manter duas grandes instituições hospitalares financeiramente sufocadas

(o Hospital dos Estivadores e a Santa Casa de Misericórdia); ampliou e saneou (da corrupção) o sistema de coleta de lixo, etc., etc.

Mas também teve uma administração tumultuada por muitas crises provocadas pelas lutas internas do PT e pela feroz resistência da burguesia local ao “forasteiro” pernambucano que ocupava o lugar de prefeito. Enfrentou provocações dessa mesma burguesia que, entre muitas outras armadilhas, despejou na cidade



uma enorme família de retirantes nordestinos que já havia sido sucessivamente expulsa de vários municípios paulistas. Telma e a ala majoritária do PT (Articulação) jamais deram tréguas ao “stalinista” oriundo do partido por divergências políticas e porque ele se recusou a dividir o poder municipal com o grupo dela, preferindo “importar” técnicos e profissionais da capital e de outros lugares.

Na realidade, Telma esperava continuar governando e havia reservado para David apenas o papel de “esquentador” da cadeira de prefeito que ela pretendia voltar a ocupar, o que tentou (e perdeu) nas duas últimas eleições. Também não cometeu a injustiça de atribuir apenas aos “outros” os erros e as crises da administração de David: nenhum de nós que o conheceu de perto pode ignorar seu perfil autoritário típico de coronel nordestino, apesar de seu imenso e generoso coração. Isso ajudou muito na criação das encrencas e dificultou a sua superação. Ele foi incapaz de articular-se com outras forças políticas locais e não vacilava em bater de frente com elas. Foi o caso da feroz oposição da imprensa local: preferiu lançar um jornal oficial, “concorrente” a fazer algumas concessões.

Por tudo isso e muito mais creio que o PT perdeu uma bela oportunidade de organizar uma cerimônia de sepultamento que revelasse a enorme dimensão daquele seu quadro. A solenidade poderia – e deveria – ser necessariamente menos estreita, muito mais ampla, representativa das muitas forças e segmentos sociais com os quais David se articulou durante a vida. Haveria maior fidelidade à sua biografia e poderia ajudar a mostrar que o PT não é tão estreito e sectário como muitos pensam. Com razão!

O ministro José Serra compareceu por decisão própria, pediu para falar e acabou sendo o único a revelar a grandeza do homenageado. Tomara que Marta Suplicy, Tarso Genro e Marcelo Deda ajudem a reforçar o time dos Genoio, Paulo Delgado, Cristóvan Buarque e outros.

Para finalizar, três histórias mais ou menos recentes que ajudam a revelar algumas facetas do perfil de David:

1) Quando aquela família de retirantes nordestinos foi despejada em Santos, ele soube por um desses programas escandalosos de emissoras de Rádio. Programa de um sujeito reacionário, desses que

pedem o sangue dos “bandidos” e costumam discriminar pobres, negros e outros desvalidos. O radialista anunciou a presença da família já acusando o prefeito de “trair” as origens por deixá-los ao relento numa madrugada fria. David ligou para a garagem municipal com o objetivo de ordenar o recolhimento daquelas pessoas a um abrigo decente, mas foi recebido com ironia pela pessoa que o atendeu.

Furioso, ele insistiu: – Aqui fala David Capistrano, o prefeito municipal, e eu ordeno que você providencie um ônibus para procurar, recolher e hospedar essa família no hotel tal, por conta da prefeitura! O funcionário devolveu: – É aqui fala o governador do Estado que ordena que você vá à merda!

Aí entrou em cena o nosso Davizinho: – Que imbecil é você que não reconhece a voz de seu prefeito? Faça já o que digo ou vou aí para demiti-lo sumariamente!

O pobre do funcionário continuou questionando a procedência da ordem. David estrebuchou e telefonou para seu principal auxiliar para demitir o coitado e adotar a providência, etc. Foi um sufoco para demover o prefeito da decisão de demitir. O “coronel” não admitia que algum funcionário não reconhecesse sua voz ao telefone...

2) Numa de suas recentes andanças pelo interior do Brasil conheceu uma parteira, dessas com milhares de partos realizados, num vilarejo próximo a Vitória da Conquista. Resolveu carregar a mulher para Brasília para que os doutos técnicos do Ministério da Saúde ouvissem a voz da experiência daquela “extraordinária mulher” segundo suas palavras. Primeiro, foi duro convencer a dona, simples e analfabeta, a fazer tal viagem. “Consegui seduzi-la”, contou. Depois, foi a maior confusão na casa da mulher, cujo marido ficou pra lá de desconfiado com a proposta do doutor. Mas a mulher estava decidida e mandou marcar a viagem. David ofereceu ajuda para ela comprar roupas, mala, etc., o que foi orgulhosamente dispensado por ela: “faço minhas próprias roupas e tenho mala, pois sou pobre mas não miserável”, ou algo parecido, reagiu ela.

No dia da viagem, metade do vilarejo (familiares, amigos e aderentes) comparece ao aeroporto para o grande acontecimento: a primeira viagem de avião de alguém daquele lugar! David conteve-se para não rir da roupa da mulher: “sabe aqueles vestidos de



duas peças igual a roupa de boneca? Pois era assim que ela estava vestida”, relatou. No avião, foi um tal de derrubar e derramar coisas na hora de comer que o passageiro do lado fechou a cara.

David percebeu e deu a maior força para a parteira: “coma tudo que a senhora tiver vontade, do jeito que quiser e não se preocupe em derrubar ou derramar alguma coisa. Já está pago!” Chegando a Brasília ele percebeu que as varizes da mulher estavam muito inchadas e resolveu levá-la a um *shopping* para comprar meias elásticas. Comprou, ela provou, vestiu e saíram. Quase na saída do *shopping* a mulher lhe pediu: “Doutor, eu gostei muito daquela escada que sobe e desce sozinha. Deixa eu andar mais um pouquinho!” E David esperou por mais de uma hora enquanto a mulher subia e descia de escada rolante. “Precisava você ver o prazer, a felicidade dela. Não dava para atrapalhar. A reunião no ministério podia esperar!”

No ministério a parteira apavorou-se: “Doutor, estou morrendo de medo. Eu não sei falar para esse povo não!” E David: “sabe sim, todo nordestino fala melhor do que qualquer um desses sulistas bobocas que estão aí. Fale como a senhora faz partos e pode estar certa de que vai dar um show!” O depoimento da mulher foi realmente de enorme valia para o pessoal do programa de Casas de Partos e o David ficou felicíssimo.

3) A última foi no hospital, depois do transplante. O danado saiu da UTI e queria continuar trabalhando. Foram quatro dias fora da UTI e quatro dias de textos, telefonemas e pedidos de providências para ajudar nas campanhas de São Paulo (Marta) e Recife (João Paulo), além de Santos (Telma), sugestões para a próxima Conferência Nacional de Saúde, dicas para a equipe das casas de partos, etc.

Quando piorou e foi sedado para ser levado de volta à UTI, antes de adormecer completamente balbuciava: “liga para o número tal, preciso falar com a Marta sobre as estatísticas que ela pode usar no debate com Maluf...”

Depois, já em estado muito grave, gastou suas poucas horas de lucidez antes de entrar em coma para agitar providências com relação às eleições, o governo da Marta, o trabalho do Qualis, o programa Casas de Partos, etc.

Telefonava, ditava textos e queria porque queria participar dos últimos comícios em Santos e em Recife. Dizia que era médico e sabia que isso não teria problema, pois eram “viagens curtas, que não prejudicariam sua recuperação, etc.” Contrariado, insistiu para que se providenciasse uma equipe de vídeo que gravasse seus depoimentos em apoio aos candidatos, etc. A equipe chegou a ser acionada, mas não deu tempo. Ele entrou em coma.

Num outro momento, no dia 22 de outubro, acordou dos efeitos de sedativos e pediu que chamassem a mãe, as irmãs e os filhos. E que ela vestisse “sua melhor roupa de festa”. Assim que ela chegou ele virou-se e disse: “Dona Maria Augusta, quem diria, 82 anos hein? Vejam como ela está bonita!” Era o aniversário dela e ninguém havia lembrado.

Esse era o nosso Davizinho! Ou “Garrote Touro Sentado” segundo José Fortuna de Melo, também companheiro secundarista de Recife (que se suicidou há poucos anos, vítima dos tormentos que a ditadura lhe causou), em alusão ao apelido que demos ao pai de David: “Cacique Touro Sentado”.

DAVID CAPISTRANO FILHO

Raulino Oliveira*

Quando o processo do VI Congresso do PCB chegou ao fim, apesar da importante vitória que foi conseguida na terrível luta interna travada naquele momento, no estado do Rio de Janeiro tivemos derrotas profundas.

No movimento estudantil quase desaparecemos. Em janeiro de 1968, não chegávamos a quarenta militantes. A chamada Dissidência e o recém-formado PCB-R empolgavam, juntamente com a AP, o coração e as mentes dos estudantes cariocas.

* Empresário, dirigente do Partido Popular Socialista.

Veio a célebre pergunta: “O que fazer?” A então direção estadual tomou imediatamente a medida de transferir todos os militantes que estudavam em universidades e atuavam em outros órgãos na sociedade para o chamado Movimento Estudantil. Saí da base da Petrobrás e me vi no movimento já em março de 68. Estudava na Faculdade de Economia da UEG, escola dominada pela AP então em luta contra o Movimento Anti-Comunista – MAC, organização bem ativa na ocasião.

Fui convocado para participar de uma comissão de reestruturação do Comitê Universitário do PCB no Rio de Janeiro. Nessa reunião conheci um jovem de 18 anos chamado David Capistrano da Costa Filho. Pernambucano, fugido de Recife, mas já com longo currículo de ativismo e de agitação no movimento secundarista dessa cidade, e que acabara de entrar para a Faculdade de Medicina da UFRJ. Éramos todos muito “esquerdistas”, apesar das demais facções da esquerda estudantil nos considerar os mais reformistas do mundo. Rapidamente percebemos a capacidade de organização do Davizinho. Era um grande agitador e ao mesmo tempo um intelectual da política. Percebeu que deveríamos nos apoiar nas regras da ditadura, que impunha comparecimento obrigatório de todos os diretórios nas reuniões dos DCEs. Propôs, então, que nas reuniões da UME e da UNE, na época ilegais, todos os representantes estudantis fossem convocados.

Essa proposta enlouqueceu a esquerda do movimento. Era a favor dos diretórios livres e das entidades coordenadoras também livres. Tal posição aparelhava o movimento e impedia uma interface com o conjunto dos estudantes. A proposta do David incendiou as universidades cariocas. A bem da verdade, a direção do estado já defendia essa posição havia algum tempo, nós é que resistíamos. David, rapidamente, começou a se encontrar com os diretórios chamados de atrasados pelos líderes do movimento, e, por meio de representantes das escolas católicas, passou a ser um interlocutor importantíssimo com a Igreja Católica do Rio de Janeiro. D. Castro Pinto fazia vários encontros com David e depois começou a ceder locais para o movimento ampliado realizar suas reuniões. Os esquerdistas nos denunciavam como direitistas e liberais diante da repressão, pois estávamos com essa prática entregando os líderes à repressão. A nossa tática, segundo o esquerdismo, rompia com todas as condições de segurança necessárias diante do inimigo.

Passamos a defender que nossa principal aliança deveria se dar em direção ao chamado atraso do movimento, tentando assim conseguir o maior número de adesões possíveis e saindo do gueto. Chegamos à passeata dos Cem Mil com mais de trezentos militantes no PCB, organizados em bases. Na Faculdade de Medicina da UFRJ, a escola onde Davizinho estudava, tínhamos uma base com mais de trinta militantes, e um sem-número de aliados. David era o mestre daquela agitação. A Faculdade de Medicina era considerada pela esquerda do movimento como o centro do reformismo e de lá partiam a maioria de nossas posições em defesa da democracia e contra a “porra-louquice” do movimento universitário. Nessa altura, David já havia sido preso três vezes, e sempre usávamos a tática de buscar o apoio na sociedade para lutar por sua liberdade. Mobilizávamos os professores, o conjunto dos alunos em várias faculdades e a Igreja. Com algum sofrimento, conseguíamos a liberdade de David e, junto com ele, de vários outros companheiros e aliados. Após a passeata dos Cem Mil, a Dissidência, resolveu acirrar as contradições contra o regime militar, e partiu para a radicalização com atos sucessivos de guerrilha urbana. Começamos a perder o apoio da sociedade civil. Durante os debates de preparação do Congresso da UNE, fomos derrotados, queríamos um congresso legal na PUC do Rio. A esquerda preferiu um congresso clandestino e acabamos todos presos em Ibiúna.

David mais uma vez na cadeia. Mais uma grande campanha em defesa dos direitos humanos dos estudantes, procurando o máximo de alianças possível.

David foi solto mais uma vez. Em dezembro daquele ano a agitação política era grande, e o movimento social contra a ditadura já mobilizava grandes setores das camadas médias urbanas. O Congresso estava reunido para julgar o comportamento do então deputado Márcio Moreira Alves porque havia pronunciado um discurso que, diziam os detentores do poder, era um libelo contra as forças armadas nacionais. Na noite do dia 12 de dezembro realizamos uma grande assembleia estudantil na Faculdade Cândido Mendes, com vários discursos inflamados. David fez um discurso declarando que o Congresso de burgueses iria capitular diante do regime e cassaria o mandato de Márcio. Erramos profundamente, o Congresso não cassou Marcio e foi fechado, desencadeando o AI-5.

Durante os obscuros anos do general Médici no poder, o movimento universitário refluíu quase que completamente. A chamada massa estudantil morria de medo de ser presa, torturada e perseguida. Não foram poucos os casos e muitos dos nossos companheiros foram presos, torturados ou tiveram que se exilar. Mas já em 1969 o nosso comitê universitário criou por iniciativa do David, um instrumento chamado Coordenação de Diretórios e Conselhos Recreativos – CDCR. Fomos execrados pelo esquerdismo. Denunciaram-nos como aliados do regime sob a acusação de querermos coonestar uma representação que havia sido ferida de morte com o AI-5. A maioria dos diretórios estava fechada, bem como todos os DCEs, a UME e a UNE. Percebemos, no entanto, que aquele instrumento era uma válvula de escape. E através dele conseguíamos nos movimentar pelas faculdades e tentar algum tipo de reorganização. Em plena vigência do AI-5, no auge do terror da ditadura militar, conseguimos reunir mais de mil estudantes na sede do antigo MEC, no Rio de Janeiro, com a presença do ministro Jarbas Passarinho. O ministro percebeu a manobra e a denunciou: disse que estava sentindo o cheiro e o jeito dos comunistas durante o encontro. Mas conseguimos encaminhar uma pauta de reivindicações e manter um pequeno nível de diálogo com as autoridades educacionais.

Este é um pequeno resumo de minhas vivências com Davizinho. Estávamos diariamente juntos naqueles difíceis anos de ditadura. Fizemos juntos a luta contra o voto nulo durante o processo eleitoral de 1970. Sempre procurando o diálogo com as demais forças políticas daquela época. Entramos para o MDB e lutávamos para ir de encontro ao atraso, tirando-o da letargia e do medo.

A partir de 1973, as coisas foram cada vez mais se complicando. O PCB sofreu uma intervenção interna em 1969. A nova direção nos acusava de liberais e dizia que nossa movimentação em direção à legalidade dos nossos atos era suicida e que entregava o aparelho do partido à repressão militar (éramos, de fato, um bando de jovens petulantes e arrogantes). Foram momentos terríveis. Inimigos dentro e fora. Falta de orientação política. Obscurantismo no partido e na sociedade como um todo.

David foi transferido para São Paulo. Naquele momento, as condições de segurança eram mínimas para ele na cidade do Rio de Janeiro. Sempre que pudemos nos encontramos. E como eram acusados de divisionismos aqueles encontros.

Fui estar pessoalmente com ele outra vez, já no hospital, quando o câncer já havia sido diagnosticado e começou para ele uma outra grande luta pela vida. Foram quase vinte anos de briga contra a doença. Um grande otimista aquele nordestino atrasado e esquerdista (porque dentro do PCB, eu geralmente era contra o exagero militante do David). Tivemos também alguns encontros agradáveis na Prefeitura de Santos, quando, eleito pelo PT, ele exerceu o cargo de prefeito. Como sempre, sua gestão foi feita com grandes alianças com o PMDB, o PFL e setores do PTB, além da velha Igreja Católica.

Morreu ontem, dia 11 de novembro, o meu amigo David Capistrano da Costa Filho. Um companheiro de lutas durante nossa juventude. Um grande comunista. Um intelectual de primeira, profundamente antenado com seu próprio tempo e detentor de uma coragem cívica como poucos em nosso país.

Adeus, camarada Davizinho.

PIRATAS DO TIETÊ - Laerte

